

... e a ...
 ... e a ...
 ... e a ...

... e a ...
 ... e a ...
 ... e a ...

... e a ...
 ... e a ...
 ... e a ...

... e a ...
 ... e a ...
 ... e a ...

... e a ...
 ... e a ...
 ... e a ...

... e a ...
 ... e a ...
 ... e a ...

... e a ...
 ... e a ...
 ... e a ...

... e a ...
 ... e a ...
 ... e a ...

... e a ...
 ... e a ...
 ... e a ...

III

C) Africanismos occurrentes na linguagem popular Brasileira

Não foi impunemente que do século XVI (a começar do período entre a terceira e quarta décadas) até aos meados do século XIX — a Africa despejou successivos carregamentos humanos sobre a terra brasileira. Haviam de ficar desse longo e intimo contacto africo-brasilico profundos vestigios em nosso paiz, reflectindo-se a influencia do negro na linguagem, nos usos e costumes, nas tradições e formação sentimental, no espirito supersticioso e na alma dolente do povo brasileiro.

Cruzando o seo sangue com portuguezes, indios e mamelucos, os africanos trazidos pelo trafico negreiro para os êitos e senzâlas da escravidão aqui deixaram nem só a vasta prole da mestiçagem mulata e dos homens de côr, variegadamente matizados pela pigmentação, como ainda instillaram com o proprio sangue e com a sua forte raça um *quid* inapagavel de todo o seo *substratum* ethnico e psychico, na população caldeada do Brasil, durante mais de tres seculos desse permanente contacto entre a gente brasileira e os africanos puros introduzidos até o anno de 1850.

No transcurso do periodo colonial, os trabalhos agricolas exigiram a intensa collaboração do braço escravo, nas lavouras da canna de assucar, dos cereaes, do fumo e do algodão, principalmente nas Capitancias da Bahia para o Norte, ao passo que, a partir do século XIX, a cultura caféira, nas provincias ao Sul da Bahia (Rio, Espirito Santo, Minas, São Paulo), exigiram cada vez mais um forte contingente de escravos africanos importados pelo trafico do "ébano vivo" — duro euphemismo empregado áquelle tempo para a designação da mercadoria humana. Todo o século XVIII esteve empolgado pela febre e ambição da industria extractiva mineral; as lavras de ouro e diamantes representam então o nosso insaciavel Moloch, no sacrificio de vidas tomadas ao captivo negro, quando os com-

bôeiros e tanganhões despejavam successivas levas de escravos africanos nos centros de mineração do Brasil Central (Minas Geraes, Goyaz e Matto Grosso). E onde viveram essas massas de filhos do continente negro — fôsse nos engenhos de assucar esparsos entre o Reconcavo bahiano e Pernambuco, fôsse nas zonas de mineração aurífera e diamantina, ou nas *senzalas* das opulentas fazendas de café da bacia do Parahyba do Sul — deixáram ellas bem assignalada, nas terras do exilio e da escravidão, a sua estranha linguagem, fixando-a em tantos dos nomes locais brasileiros de origem africana, e transmittindo ou ensinando aos "brancos", em nosso paiz, varios costumes, praticas e usanças trazidas da costa d'Africa.

Poucos escriptores brasileiros têm querido se preoccupar com este assumpto, que nos parece interessantissimo: da profunda actualização do elemento africano, na linguagem portuguesa, tal como é ella aqui falada pelo nosso povo.

Ha longos annos, vimos tentando organizar um "Vocabulario de Topónimos Brasileiros", enriquecendo-o tão sómente com os vocabulos primitivos derivados de vózes indigenas e africanas, sem omitir os brasileirismos e americanismos.

São milhares de termos e expressões, que havemos pacientemente colleccionado, e que, além de não constarem, em sua maioria, dos mais conhecidos Léxicos e Vocabularios Luso-Brasileiros, bem revêlam o poderoso reforço que a Lingua Patria trouxeram os varios idiomas primitivos da America e da Africa. Este de agora é um ligeiro esboço do nosso maior estudo de apaixonado cultor de quanto se refira á Brasilidade, nos dominios da Anthropogeographia, da Ethnologia e Linguistica comparadas. Sirva o exemplo, pelo menos, de maior estimulo aos competentes, que se disponham a aprofundar o assumpto.

O trafico de escravos africanos trouxe ao Brasil, durante 300 e tantos annos de ininterrupta actividade, representantes das mais differentes raças, povos, regiões, typos e costumes daquelle grande continente fronteiro á costa oriental da America do Sul. Aqui aportaram, entre outros, negros Angolas ou Angolenses, Balântos, Bantús, Bámbaras, Bechuanas, Benguélas, Cabindas, Cacónidas, Cáfres, Cafuzos, Cassanges, Congolêzes ou Cóngos, Dahoméyanos, Fulas e Fulátas, Ganganas, Haussás, Jalófos, Malês, Minus, Nagôs, Mozambiques, Quissâmas, "Rebólos", Zulús...

Em nosso livro — A TERRA MINEIRA — (pags. 73-90 do 2.º tomo, na ultima ed. de 1927), consagrâmos um longo capitulo ao estudo ethnographico e ethnologico do elemento negro, de origem afri-

cana, que entrou na nossa formação nacional brasileira; e deixámos alli enumerados os grupos, nações e tribus, de que o tráfico negreiro trouxe representantes para as plagas americanas. Em data posterior, publicámos outro modesto estudo da contribuição africana ao Vocabulario Brasileiro, na "Revista de Lingua Portuguesa", editada na Capital Federal. E ainda agora temos em mão o mesmo assumpto, na série de ensaios sobre a linguagem brasileira, com que pretendemos collaborar, mais assiduamente, nesta "Revista de Philologia e de Historia", do Rio de Janeiro.

A quem perpassar os olhos, mesmo ligeiramente, pelas paginas de um compendio de Chorographia do Brasil, surprehenderá o facto de encontrar, semeados pelo territorio nacional, de permeto com a alluvião de denominações indigenas e vernaculas, tantos *nomes locais*, de evidente procedencia africana, como estes, por exemplo: Afuá, Aluá, Ambáca, Andú, Angico, Angola, Angú, Anta, Aringa;—Báco, Bacolerê, Bambá, Bângo, Bangú, Béngo, Banguê, Benguéla, Bombássu, Bonga, Bôngo, Bonguê, Bacumba, Baláio, Balángo, Barú, Batuque, Banzé, Bendengó, Bendó, Bagana, Banguêla, Binga, Bugio, Buta; — Cabinda, Cabóрге, Cabungo, Cabuta, Cachingó, Cacháça, Cacónida, Cacónde, Catalá, Catalão, Cafúá, Cafundángo, Calabar, Calunga, Camondongo, Candonga, Cangerê, Canjámbo, Capenga, Caquende, Cassánje, Catueiro, Caxambu', Caximbo, Caxinguelê, Chique-Chique, Chulé, Côco, Cofó, Congádo, Cóngo, Coringa, Cubango, Cúmbe, Cubatão, Cuica, Curicáca;—Dandá, Dendê, Dendezeiro, Dengo, Dengue, Diâmba, Dombe, Dumbá, Dunga;—Efó, Ema, Embeleco, Endrominas, Enga, Etêmbuê, Emburú;—Facó, Fandángo, Fánha, Feitiço, Fetiche, Forróbodó, Fubá, Fula, Funagá;—Gâna, Gandá, Gandaréla, Gandáia, Gânga, Gângana, Ganguelê, Gangolina, Ganjé, Ganjângo, Ganzá, Gêbú, Gegê, Gembê, Geringonça, (Gilingonsa), Giló, Ginga, Gitó, Gombô, Gondó, Gônga, Góngo-Sôco, Gongugê, Goróngozó, Gronga, Gruna, Grunga, Gunga, Gunga (Gunga-Muquixa, Gunga-Mussú, Gunga Siôco), Gurujanga; — Haussá, Hônga, Huámba, Hula, Hulalá;—Ibô, Icolo, Inderê, Ingurunga, Inhâme, Inháca, Inguána, Imbóndo, Impémba, Issánga;—Jáca, Jalófo, Jámba, Jánga, Jimbo, Joljiba, Jóngo, Júnga; Kabángo, Kabinda, Kabúia, Kabula, Kalomba, Kamuéca, Kamuêngo, Kangico, Kaquênde, Katumba, Katunga, Katunda, Kilombo, Kilónaga, Kilénga, Kilengue, Kimbundo, Kindumba, Kôla, Kolateiro, Kuango, Kúbz, Kubango, Kubáta; Labássu, Lambáda, Lambança (*lambánza*), Ladié, Landim, Lebo, Lerê, Leréia, Liámba, Libámbo, Libôlo, Libondo, Loánda, Loángo, Lôbo-Lôbô, Lôco (Lôko), Lundú, Lundum; Máca, Macáca, Macaco, Macacôa, Macâna, Macassá, Macôta, Macoténa, Macumba, Macuta, Mafuá, Maçan-

gano, Malabá, Macumbé, Magãna, Maiómba, Malange, Malungo, Mandémbe, Mambembe, Mandráca, Mangue, Mangánagem, Mangança, Manjón-gue, Marácaxá, Marangatú, Maribondo, Marimbo, Malôfo, Massambe, Massambará, Massangáno, Matola, Matula, Maxambomba, Maxixe, Mazómbó, Membéca, Meleca, Micunga, *Mina* (raça, povo), Minjuá, Missãga, Mizangué, Moáfa, Moámba, Mocambo, Moçambique, Mofumba, Mogãnga, Molongó, Moleque, Mombássa, Monjólo, Mõno, Monsorõngo, Moringa, Moxinifada, Mucãma, Muchíba, Muchíta, Mugginga, Mulámbó, Mulungú, Munjuá, Murundum, Mussungo, Muxôxo, Muzambo;—Nagô, Nicúto, Nimbú, Nianza, Nilo, Nyassa; — Obá, Obiá, Obó, Ogê, Ogó, Okarina, Oleré, Oró, Oriza, Ozéna, Orángotãngo, Orocungo; — Pãmba, Pãnga, Pãngo, Papagáio, Patuá, Pẽmba, Pifão, Piléque, Pinga, "Pombeiro" (explorador, sertanista), Pongó, Pũnga, Pungo; — Quelimãne, Quéngo, Quesilla, Queié, Quiábo, Quíba, Quibêbe, Quigombó, *Quillo* (sésia digestiva), Quilombo, Quimango, Quimõno, Quindim, Quissamán, Quitãnda, Quitóco, Quitunde, Quitungo, Quitúte, Quixó, Quizilla, Quizumba;—Recendengo, Rendengue, Rengo, Ripanso, Récoréco, Résmungo, Samba, Sambãnga, Sãnga, Sanzála, Senegal, Senegambã, Senzála, Sinimbú, Sizóca, Sóba, Sógã, Sóngamõno, Sunga, Surupãngo; — Táca, Tãmbó, Tambu', Tamina, Tãnga, Tanganhã, Tãngo, Tramiba, Talãmba, Tatambico, Téngo-Téngo, Timbué, Tiitica, Tunda, Tutãno, Tutuncuêba; — Ubãngo, Ugãnda, Urucungo, Urufá, Urufú; — Vampi, Vatapá, Vatúa, Vumãna; — Wapẽmba — Xambá, Xangó, Xibãta, Xibénga, Xibúto, Xicãca, Xicãnga, Xicõngo, Ximbó, Ximbica, Xingalório, Xumbique, Xuxú; — Yá, Yalóto, Yáyá, Yêbo, Yorúba, Yôyô, Yumba, Yombé, Yaténga; — Zabumba, Zagãia, Zalóque, Zambé, Zambí, Zambo, Zambôa, Zampalina, Zãnga, Zangarêia, Zanzã, Zápe, Zarõmbó, Zénga, Zinga, Zitamina, Zómbó, Zongué, Zoró, Zumba, Zumbaia, Zumbí, Zundú, Zundum, Zungú... (*)

A pequena revista de móstra, acima passada através da contribuição vocabular africanista, no seio da lingua portuguesa falada no Brasil, mal dará idéa da opulencia desse vêio até hoje tão mal explorado entre nós.

Veja-se, *verbi gratia*, esta rica mina dos verbos portugueses, aqui derivados de africanismos e desde muito já incorporados ao lexico luso-

(*) Desta relação constam muitos nomes sobre os quaes o proprio Autor e varios outros escriptores africanólogos nutrem sérias duvidas, quanto á verdadeira origem e etymologia de palavras, taes como: Afuá, Anta, Bangu', Baru', Camondongo, Caquẽnde, Cõco, Cu'mbe, Curicãca, Êma, Emburu', Jambo, Mãca, Mucãca, Mucãco, Marimbondo, Membéca, Mocotó, Murundum, Oró, Pãngo, Quixó, Sãnga, Tãmbó, Tãlca — consideradas como "americanismos" por especialistas e autoridades na materia.

brasileiro. São dezenas de verbos, como: abananár e abananár-se; acuár (no sentido de encurralar e perseguir a caça e as feras e do mesmo passo estumar os cães anteiros e onceiros); amacacár e amacacár-se; adendêzar; amocambár e amocambár-se; amolecar e amolecar-se; amuxibár e amuxibár-se; aquilombar e aquilombar-se; arengar (no sentido de intrigar e lecer enrêdos, em que eram mestres os nêgros *arengueiros*); assungár (levantar, fazer subir); aquilotar (aquilotar o cachimbo, o pito ou a piteira); azabumbár; azagaiar; azáranzar; azumbaiar; azangar; balangár e balangár-se; mambear; banzár; balucar; bodocár; bifar (no sentido de bifagem ou filança do alheio); bobocár; bugiar; hundejar; cabalár (no sentido de fazer cabãla de votos ou proselytos); caçambar (no sentido de adulação ou sabugice, havendo mesmo a expressão bajulatória de "areiár caçambas" dos ricos ou poderosos); cachimbár; cacimbár (abrir póços ou cacimbas); caçoar (debicar, gracejar á custa de outrem, rir-se dos outros, além das variantes equivalentes: caçuár e cassoár ou cassuár); casuár ou encafuár (entocar, esconder); cambear; candongar (fazer intrigas ou mexericos); capengár; capiãngár (no sentido de furtar ou surrupiar); capêtear (fazer capêtes ou diabrúras); carimbár (o mesmo que marcar); cassuár (o mesmo que caçoár); catingar (por encatingár, produzir ou desprender máo cheiro ou fedôr); catucár (dar catucão, beliscão, sendo de notar que no Brasil usualmente tambem se empregam dous americanismos: — "catingar", no sentido de reduzir o terreno á vegetação rala de *catingas* (*caá-línga*, em tupy), e "cotucár", no mesmo sentido de "catucár", isto é, de beliscar com os dẽdos o corpo de outra pessoa, notadamente no braço); caximbár (pitár caximbo de fumo ou tabáco, e tambem explorar furos de próva de vêio, nos terrenos de mineração); caxingár; caxumbár (equivalente á forma "encaxumbár"); chicanar (demandar, litigar com artes de chicanista); chacótear; chimpár (pespegar, passar uma cousa por outra); chingar (descompôr, insultar, dirigir improperios); chitár (dar a um tecido a côr de *chita*); chuleár (no sentido, não de coser ou alinhar, mas de desprender *chulé*, máo cheiro dos pés); combóiar (dirigir *combóio* de negros captivos, no tempo da escravidão); calombár (equivalente a "encalombár", fazer calómbos no corpo); capangár (servir de *capãnga* ou de guarda-costas para outrem); cangacear (fazer officio de cangaceiro, viver do *cangáço*); cufár (morrer, matar); degradingolar; dengar (fazer mômos, encher-se de *déngos* ou *denguices*); descangicar; desengonçar; desmunhecár; embatucar (no sentido de confundir); embelecár; embonár; embãucár, encabulár; encachaçar; encafisar; encalombar; encafuár; encaxumbár; encapêtar; encambêtar;

encambitár; encarápitár; encangicar (no sentido de encarôçar a pelle); encarangár (ficar encarangado, de corpo arqueado e juntas pèrras); encatingár (o mesmo sentido de "catingár", desprender fedôr); encaxaçar (o mesmo que a fórma equivalente "encachaçar", embebedar-se com *cachaça* ou *caxassa*); encaximbar (preparar ou meter na bôca o *pito* ou *caximbo*, sendo de notar-se que o nome *pito* provém da fórma tupi *petim*, tabáco, da qual se formou *pité* e *pitéra*, donde o brasileiro "piteira", que tanto serve aos fumantes de cigarros ou charutos); encaxumbár (encher-se de *cachumbas* ou *caxumbas*, nome de inflamação correspondente á parotidite); enfeitçar; enganzár, (prender argólas e élos de corrente ou cordão metálico); engerizar (o mesmo que "ogerisar" encher de ogerisa, aborrecimento ou enfádo); enquilotár (idéntico a "aquilotar"); enquizilár ou enquisilár (encher de *quêsilia* ou *quízilla*, birra, embirramento, ira, prevenção); escapêtear e escarpêtear; esmulambár; esmunhecár (menos usado que o verbo "desmunhecár"); esganár (torcer o gasnête, apertar o pescoço, asphyxiár por compressão ou esganadura); esgoelar ou esguelár (no duplo sentido de apertar ou puxar a *guêla*, ou de gritar muito até perder o fôlego); feitiçar (o mesmo que "enfeitçar", seduzir, pôr *feitiço*); fungár; gabár (lonvar); ganzár (tocar *ganzá*, instrumento, chocalho de láta); gingár (equivalente a bambolear ou remexer os quadris, andando ou sambando); gandaiár (andar á *gandáia* ou á *matróca*); karimbár (fórma equivalente a "carimbár"); lambár (cortar de chicote, dar *lambádas*, enfiar a *táca* em alguém); macaquear; malungár; mandingar; melecár (tirar *meléca* do nariz); marimbár (jogar *marimbo*, ou tocar *marimba*); monár e monar-se (embebedar, ficar na *môna* ou *camuêca*); molecár; muxôxear (fazer *muxóchos* ou *muxóxos*): mocambár e amocambar-se; mucufár ou mucufár (matar, morrer, deixar-se morrer); muxibár ou muxibar-se; muambár (fazer ou passar *muamba* ou *muamba*, contrabando, trapáca); pingár (no sentido de beber, tomar *pinga*, *góle*); papagaiár ou papaguear (falar muito, falar como papagaio); ogerisar ou ogerizar; quilombár; quilotár quitutár (fazer *quilútes*); quitandar (fazer *quitandas*, *dôces*, *bôlos*); quisilár ou quizilár; pungár (fazer *punga*, serviço ou cousa ruim, imprestavel); quengár (fabricar *quêngo* ou *quênga*, vasilha de meio côco, encabáda); sambár; rengueár; sungár; tangár ou tanguêar; tombár (no sentido de derribár ou jogar no chão); tambelrár; tarimbár; xicanár; xingár; xumbicár; zabumbár; zagaiár; zangár e zangár-se; zanzár; zingár (impelir a canôa ou barco com a *zinga*); zombár; zombeteár; zonzear; zonzár; zumbaiár; zunir; etc.

Como se está vendo, offerecem os africanismos aqui introduzidos na linguagem portugueza, tal como é falada no Brasil, copioso contingente de termos e expressões ao nosso Vocabulario luso-americano.

Ora, são nomes que recordam paizes, terras, localidades, rios e regiões da Africa: Ambáca, Andongo, Angóla, Angóxe, Bambuê, Bén-go, Benguêla, Benin, Bissáu, Bombassa, Cabinda, Cafrária, Calabár, Cacónda ou Cacónde, Catalá, Congo, Cumbe, Catumbéla, Cachêu, Cambámbe, Cubango, Cuanza, Cubatão, Dánde, Dombe, Dumbá, Guiné, Gâmbia, Hônga, Inhiáca, Inhambâne, Kanjanga, Kuango, Loánda, Lóbito, Maçangano, Malabár, Massambará, Massuril, Maximbo, Mombaça, Moçambique, Macúa, Namáqua, Nilo, Nyassa, Obiá, Ogó, Qui-léngo, Quillimãne, Quilôa, Quitunde, Quizumbo, Riamba, Senegál, Senegâmbia, Sanga, Tamba, Tlámbo, Ugánda, Ubango, Xicáca, Yorúba, Záire, Zambéze, Zulúlandia, Zumbi, Zungu'.

Ora, são nomes designativos de chefes de povo, de feiticeiros, de superstições, ritos, dansas, instrumentos, cantigas, sortilegios, usos e costumes africanos: aringa, banguê, bánjo, bánzo, batúque, cábula, candomblé, cangerê, caxambu', congádo, diamba, eleguára, fandango, feitiço, fetiche, gânga, gunga, ganza, inderê, jongo, lundum, mafuá, macúmba, mandinga, mandraca, moçambo, manitó, obó, quilómbo, pango, quitengo, réco-réco, samba, sóba, surupángo, lango, senzála, totém, zambi, zinga...

Muita vez, trata-se de nomes pelos quaes são conhecidos acepipes, comidas, iguarias, fructas e bebidas, da culinaria e mesa africanas: — *acassú*, *alua*, *andú*, *angú*, *arú*, *banána*, *bóbó*, *catulé*, *cachaça* ou *cachassa*, *caragé*, *dendê*, *efó*, *subá*, *gandó* ou *gondó*, *gembé*, *gilla*, *gilló*, *inhâme*, *jambo*, *karúru'*, *labássa*, *lôbo-lôbo*, *maróto*, *maxixe*, *moló*, *mofumbo*, *mondongo*, *muganga* ou *mugango*, *mulungú*, *muquêca*, *munguzá*, *muxiba*, *malaguêta*, *ogé*, *quidbo*, *quibêbe*, *quigombó*, *quitanda*, *quítoco* ou *quítoko*, *quítute*, *sizóca*, *valapá*, *xibé*, *xinxin*, *xuxú*, *zambóia*, *zoró*...

Outras vezes, são nomes com que se nomeiam animaes (quadrupedes, aves, passaros, peixes, insectos), muitos delles communs á fauna e avi-fauna da Africa e do Brasil: — *anta*, *bugio*, *calángo* ou *calángro*, *camondongo*, *catita*, *catálua*, *caxinguelé*, *chimpanzé*, *cuica*, *curicaca*, *curiángo*, *êma*, *gimbo*, *gorilla*, *jumbo*, *kaxinguelé*, *loángo*, *macaco*, *maribondo*, *mico*, *mono*, *moleque* ou *muleque*, *orángotángo*, *nimbú papagaio*, *sainimbú*, *sariáma*, *timbú timbué*, *ubángo*, *xungó*.

Não escassêiam os appellativos, de origem africana, para muitos vegetaes e plantas communs á flora áfro-brasilica, em sua maioria, R. A. P. M.—22

mormente nas zonas equatoriais: — o angico ou angiko, o angicão e o angiquinho; as variedades de bananeiras cultivadas; a cananga; as palmeiras de côco (o catolêzeiro e dendêzeiro); o cangico ou cangico, com a variedade do cangicão; o espinheiro do chique-chique e da opunga; as hervas e legumes alimenticios (carurú ou karurú, giloero, lábaça ou labassa, lôbô, maxixeiro, quiabeiro); os fructos de horta e do matto (mugangueiro, marôlo, mucugê, pitômba, gilacaiôta ou gilacaiote, quigombô, xúxúzeiro, zambôa, tanzerina — no Brasil, tangerina); além de varios outros vegetaes, como as arvores fructíferas do jamboleiro (jambo); o molongó ou mulungu' e a mulunguba; o mangaló e o mângue (madeira dos bréjos litoráneos); os vegetaes damnhos, como o lêbo, a diâmba e o pángo, sendo os dous ultimos fornecedores de um entorpecente predilecto do gentio africano, que com o principio activo das suas folhas se embriaga, frequentemente.

Curioso ainda notar-se que, atravez do contacto portuguez com os mercadores mouros da costa africana do Oceano Indico, recebemos, confundidos com os *africansismos puros*, muitos termos e expressões das linguas asiaticas (da India, da Indochina e Extremo Oriente, e até dos confins da Malásia).

Deixando mesmo de parte a invasão peninsular dos *arabismos*, nos dous povos ibéricos, cujas linguas — a hespanhóla ou castelhana, a portugueza, a gallêga e a básca— têm hoje visceralmente radicados, em seus vocabularios, os nomes de origem arabica; queremos apenas assignalar— neste remate de um simples ensaio— que foi por intermedio de vozes africanas que recebemos muitos destes *orientalismos*: (Amêixa, Angóra, Annamita, Aréca, Atúm; Bâcoro, Badâna, Bambú, Balim, Batum, Beliche, Bangála, Betél, Bombaim, Bonzo, Buda ou Budha; Cabála, Caravãna, Casuarina, Casuár, Carmim, Casta, Câtre, Cauri, Cacatú, Café, Cafre, Calecut, Camarão, Cambáya, Cánja, Cédro, Ceylão, Chá, Chále, Chicára, China, Cidra, Cifra, Cingalez, Cobáia, Cochim, Comarim, Coréa, Córja, Coromandél, Colão, Cuscu's; Damão, Damasco, Dárdo, Dhalia, Diván, Dromedário; Elephante, Eloêndro, Escabêche; Falúa, Farnél, Fatia, Firma, Formão, Fulano, Fuláta; Gânges, Garajáu, Garráfa, Gáza ou Gáze, Gengibre, Gergelim, Ginête, Gebí, Golconda, Góngo, Grão-Mogól, Guébro, Gujérate ou Guzeráte; Harakir, Himaláya, Hórda; India, Indo-China, Indostão, Indu'; Japão, Járta, Jasmim, Java, Junco, Juta; Kaki, Kanánga, Kapók, Kerozene, Kimôno, Klósque; Láca, Lácre, Lâma, Leque, Lixia; Macassár, Macáu, Madapolão, Madrepóra, Malgáche, Malabár, Malaguêta, Mamôna, Maná, Maldiva, Mandarin, Mandarina, Mánga, Mângue, Mangustão, Maracotão, Marfim, Marimbo, Marroquim, Máscara, Mascáte, Matraca, Mazagão,

Mécca, Medina, Mesquita, Mikado, Móká, Moluca, Mongól, Munjolo; Nabábo, Nankim, Nellóre, Néspera, Nippão (de Nippon, e dahi nipponico), Nirvãna, Núbia; Oásis, Odalisca, Opio, Ormuz, Oriza; Pacáu, Pagode (e seos derivados) Patuá, Pécego, Pegú, Pekim, Pêra, Pérola, Persiana, Peste, Palangãna, Palánque, Palanquim, Papôula, Pardáo, Patáca; Quilate; Rajá (Radjah), Recife, Refém, Rotim; Sagú, Sahará, Sáfaro, Samurái, Sandália, Sândalo, Sapéca, Satanaz, Seringa, Setim, Siamês, Sião, Siberia, Singapura, Sirôco, Sofála, Solimão, Sôja, Sudão, Surata; Tableiro, Tamarindo, Tantám, Tapête, Tarimba, Tartária, Téca, Tigre, Tókio, Tónka, Tonkim, Tostão; Ural; Varanda, Vêda, Védico; Xale, Xarão, Xarope; Yabí, Yedo, Yêso; Zága Zagáia, Zaire, "Zâma", Zanzibar, Zebú). Muitos destes *asiaticismos* serão vozes arabes em sua maioria, seguramente; mas o facto é que, a partir dos fins do seculo XV, a linguagem portugueza foi se enriquecendo e se apropriando da mór parte desses termos tomados a linguas do Oriente, por intermedio das relações de commercio e conquista dos Lusos, através das costas da Africa, rumo ás Indias Orientaes. (*)

(*) O prof. NELSON DE SENNA publicou este estudo, na "Revista de Philologia e Historia", Rio de Janeiro, fasciculo III — IV, de 1934.